



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA-
[PRONERA]
FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES (AS) NA AGRICULTURA- [FETAGRI]
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA DO CAMPO

MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS
DO CAMPO DE SÃO JOÃO DO ARAGUAIA**

Marabá, Para
2011.

MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS
DO CAMPO DE SÃO JOÃO DO ARAGUAIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá como requisito final para obtenção do título de Graduação em Pedagogia do Campo.

Orientadora: Prof^ª. Luciana Barbosa de Melo

Marabá Para
2011.

MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS
DO CAMPO DE SÃO JOÃO DO ARAGUAIA**

Defesa Pública em: 30/06 /2011.

Banca Examinadora:

Orientador: (a) Professora Luciana Barbosa de Melo

Banca: Professor (a) Ailce Margarida Negreiros Alves

Banca: Professor (a) Haroldo de Souza

Dedico este trabalho a todos os professores e professoras de educação infantil, especialmente aqueles que atuam nas escolas do campo no município de São João do Araguaia que me oportunizaram essa experiência riquíssima para meu crescimento pessoal e profissional.

A minha família pelo apoio que me deram durante todo meu processo formativo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a graça da realização deste trabalho, pois nos momentos mais difíceis, era Nele que encontrava forças para prosseguir e acreditar que iria vencer esta batalha.

A meus pais, Sr. Ariolino Ferreira Limas e Sr^a. Rita Francisca da Silva, por terem me incentivado a estudar a vida inteira, ajudando-me em todas as dificuldades. A eles, meu carinho, amor e profundo agradecimento por terem me ajudado, a ser quem sou. Agradeço por suas fiéis presenças em todos os momentos que precisei.

A meu esposo, Luiz Ferreira dos Santos que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me ajudando para que eu pudesse estudar. Ele é parte desta vitória;

A instituição que pertence e que me indicou para fazer o curso, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de São João do Araguaia em nome do presidente o Sr^o José Roberto Dutra da Costa.

A meu cunhado, Joaquim Miguel da Silva que sempre me incentivou a estudar e me ajudou Juntamente com minha irmã Maria José da Silva e Silva e principalmente minha sobrinha Jaira que durante o tempo em que eu estive estudando cuidou do meu filho caçula como se fosse seu próprio filho não medindo esforços.

Aos meus filhotes Marcos Vinicius, Rita Cássia e André Luiz, minha fonte de força e vida.

À professora que me orientou Luciana Melo que me acompanhou durante o desenvolvimento do trabalho. Meus sinceros agradecimentos, pois sua contribuição foi de fundamental importância para a realização deste trabalho.

A meus irmãos que sempre torceram, por mim para que desse tudo certo.

A todos os colegas da turma em especial minha amiga Geane que em todos os momentos difíceis em que pensei em fraquejar me deu forças para seguir em frente.

A todos os professores em especial o Dan Baron e Manoela Souza que desde o início do curso esteve com a gente e sua participação foi de fundamental importância, acredito que não só para mim, mas para a turma de um modo geral e o professor Evandro, que sempre esteve à frente da turma com seu jeito único de ser me ensinou muito.

“O professor não ensina, mas arranja modos de a
própria criança descobrir. Cria situações-problemas”
(Jean Piaget)

LISTA DE SIGLAS TCC

CFR: Casas Famílias Rurais

CPT: Comissão Pastoral da Terra

CONTAG: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

EFA: Escola Família Agrícola

EJA: Educação de Jovens e Adultos

EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FETAGRI: Federação dos Trabalhadores na Agricultura

INCRA: Instituto de Colonização na Reforma Agrária

LDB: Leis de Diretrizes e Bases da Educação Básica

MST: Movimento dos Sem Terra

PA: Pará

P.A. : Projeto de Assentamento

PRONERA: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PRONAF: Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar

SEMEC: Secretaria Municipal de Educação

STTR: Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UFPA: Universidade Federal do Pará

RESUMO

O objetivo da pesquisa, de modo geral, foi aprofundar o conhecimento sobre educação infantil nos assentamentos do Sudeste do Pará com a finalidade de propor medidas para melhoria dessa modalidade de ensino. Dessa maneira os meus objetivos específicos foram: conhecer as práticas pedagógicas existentes no Projeto de Assentamento Ubá; realizar um processo de formação com professores de educação infantil que atuam no campo; identificar as possíveis mudanças ocorridas nas práticas pedagógicas dos professores que participaram da formação. O trabalho tem como sujeitos envolvidos duas professoras de educação infantil que atuam no campo, uma da Escola Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho, localizado no PA Ubá e a segunda da Escola Municipal José Martins Ferreira, localizada na Vila Apinagés, ambos do Município de São João do Araguaia-PA. A pesquisa se amparou principalmente em Ferreiro (2008), Antunes (2009), além do Referencial Curricular de Educação Infantil (1998) entre outros. Na realização da pesquisa foram utilizadas técnicas como: conhecimentos da realidade através de entrevistas com os professores, formação para professores e observação em sala de aula, o que caracterizou-se uma pesquisa-ação, já que a pesquisa possibilitou uma intervenção na realidade pesquisada. Neste sentido, o presente estudo apontou que os professores utilizavam metodologias rotineiras, baseada ainda na estética bancária, o que levava as crianças a reagirem de forma desinteressada. Porém, com a formação foi possível identificar uma mudança significativa no qual eles passaram a usar metodologias que despertavam o interesse dos alunos, concluindo que algumas barreiras precisam ser vencidas para termos uma educação infantil no/para as crianças do campo.

Palavras – chave: educação infantil, educação do campo; práticas pedagógicas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. (RE) SIGNIFICANDO O CAMPO: Relatos de uma trajetória	13
1.1. A construção do espaço camponês	13
1.2. Contando a história do PA	15
1.3. Encontro com o campo	17
2 – CAMINHOS NA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Reflexos na educação infantil	
2.1. Educação Rural nos Assentamentos	25
2.2. Educação do Campo: uma proposta dos Movimentos Sociais do Campo	29
2.3. Educação infantil: Na Legislação, na teoria e na prática das escolas rurais	31
3 – DEFINDO O CAMPO DA PESQUISA	37
3.1. O caminho trilhado	37
3.2. (Re) Conhecendo a realidade	37
3.3 – Etapas do caminho	38
4- PRÁTICA DOCENTE: Uma intervenção possível	42
4.1. Acompanhando e observando as práticas em sala de aula	51
CONSIDERAÇÕES	56
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

O estudo ora apresentado refere-se a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no qual venho socializar o resultado da pesquisa realizada com professores de educação infantil que atuam em escolas do campo, no município de São João do Araguaia. O objetivo geral desse trabalho se pauta na necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a educação infantil em áreas de assentamentos com a finalidade inclusive de fazer proposições para a melhoria dessa modalidade de ensino.

O trabalho se configura como uma pesquisa-ação que além de diagnosticar as problemáticas apontadas, permite uma intervenção na situação vivida com vistas a modificá-la. Este trabalho foi construído em três etapas. A primeira etapa da pesquisa deu-se através de entrevista com professor de educação infantil para identificar as principais dificuldades encontradas para exercer a docência nesse segmento de ensino.

A segunda etapa compreendeu uma formação oferecida aos professores denominada *Práticas Pedagógicas de Educação infantil nas Escolas do Campo*, cujos objetivos eram: refletir sobre educação infantil junto com professores do campo, a fim de repensar as práticas pedagógicas aplicadas; produzir materiais didáticos a partir do uso de materiais recicláveis; contribuir na formação dos professores de educação infantil do campo no sentido da revisão das práticas pedagógicas utilizadas e na descoberta de metodologias que dinamize as aulas, procurar sintonizar as práticas pedagógicas com a realidade dos alunos, refletir sobre a educação infantil junto com os professores do campo.

Para a realização deste trabalho, várias foram às causas que me motivaram, entre elas cito uma pesquisa que realizei no ano de 2007 em projetos de assentamentos para levantar demanda de educação infantil e conhecer as práticas existentes no PA, cujo resultado foi à constatação de um número significativo de crianças com idade escolar fora da escola. Diante disso, me despertou o interesse em conhecer as práticas pedagógicas do PA Ubá e Vila Cajazeiras, observando se essas práticas condizem com a realidade dos alunos, e também o interesse de intervir nessas realidades no sentido de contribuir com sugestões e proposições visando mudanças e melhorias no processo ensino-aprendizagem.

Assim, me propus a pesquisar duas escolas rurais localizada no PA Ubá e na Vila Cajazeiras, ambas no Município de São João do Araguaia a fim de compreender melhor seu funcionamento, organização, filosofia e práticas docentes. Neste contexto, surgiram ainda várias inquietações que nortearam o trabalho: quais são as práticas pedagógicas de educação infantil existentes no campo? No que essas práticas têm contribuído para o desenvolvimento pleno das crianças do campo?

Foi parte ainda dessa construção uma revisão bibliográfica que me proporcionou compreender melhor a discussão bem como suas contribuições no que se refere à temática, trazendo algumas reflexões de autores como: Souza (2006) e Ferreiro(2008), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, sobre a discussão a cerca da educação da educação rural no Brasil. Vimos ainda Gouveia (1992) e Abramoway (2000). Buscando compreender melhor a Educação do Campo, procurei me referenciar em Caldart (2004), (2006), as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo (CNE/CEB Nº. 1 de 03 de abril de 2002 e outros autores.

Quanto ao processo metodológico na realização da pesquisa, entre os autores, optei em dialogar com Ferreiro (2008), Antunes (2009) por encontrar os elementos para melhor compreender a pesquisa do qual o trabalho trata, proporcionando uma melhor compreensão dos instrumentos na coleta de dados.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro, apresento as memórias de lutas e conquistas da terra, desde a migração até o trabalho na terra já no lote, destacando. Posteriormente faço uma breve reflexão sobre meu próprio processo formativo em minha trajetória de vida.

No segundo capítulo, trato do modelo de educação rural e seus reflexos na educação infantil, desenvolvido no contexto do campo enfocando as precariedades nas quais as escolas rurais estão expostas, descrevendo ainda o que ocorre na realidade das mesmas, mas, sobretudo diferenciando Educação Rural e Educação Campo. Ainda neste capítulo trago uma breve discussão sobre as práticas de educação infantil nas escolas do campo.

No terceiro capítulo descrevo o caminho percorrido até chegar ao tema proposto, bem como a opção metodológica utilizada e o campo de pesquisa em estudo, citando o porquê da escolha do assentamento para a realização da pesquisa. Procuo ainda partir de um breve histórico apresentar a escola pesquisada no que diz respeito, infra-estrutura, recursos materiais, profissionais que atuam na escola e ensino ofertado.

No quarto e último capítulo apresento os dados analisados no que diz respeito à reflexão das práticas realizadas no cotidiano escolar. Para a realização das análises, foi evidenciado o perfil dos educadores para compreender até que ponto a formação destes reflete na prática docente, a luz dos princípios da educação do campo, e por fim algumas considerações e reflexões acerca do trabalho.

1 – (RE) SIGNIFICANDO O CAMPO: Relatos de uma história

1.1 A construção do espaço camponês

Para discutir a realidade dos assentamentos do sudeste paraense é necessário ressaltar que houve uma luta árdua. Muitas pessoas migraram de outros estados como Maranhão, Goiás, Tocantins entre outros, em busca de melhoria de vida. Um exemplo são os garimpeiros em busca de ouro e muitos a procura de um pedaço de terra para trabalhar. Porém, no princípio, encontraram muitas dificuldades como a fome, doenças e perdas de entes queridos.

Nos anos 70, com a abertura da Rodovia Transamazônica, muitos tinham esperança de se organizar na vida, no entanto, não existiam homens qualificados e muitos não conseguiram o emprego desejado. Com isso os grandes latifundiários se aproveitaram dos trabalhadores para “amansar a floresta¹” no exercício de mão de obra barata, usando-os como escravos, levando para fazendas de difícil acesso onde eram obrigados a trabalhar e gerar dívidas infinitas com o patrão, impossibilitando seus retornos para suas casas.

Com tanto sofrimento, os trabalhadores sentiam-se na necessidade de encontrar outros meios para sobreviver e assim, iniciou-se a luta pela terra, que por sua vez, esse movimento provocou muitos conflitos fundiários entre grileiros e posseiros que diziam serem donos da terra.

A luta pela posse da terra levou muitas perdas, dentre elas, podemos ressaltar as chacinas sangrentas como a da Ubá (1985), Massacre de Eldorado (1996), entre tantos companheiros que tiveram a vida ceifada lutando por um pedaço de terra. Isso porque “ainda não se tem notícia da construção de um espaço de visibilidade para produção camponesa, como o fez o latifundiário, que celebra seus bois a mais de duas décadas na principal feira agropecuária regional, a de Marabá”. (Almeida 2008, p.39)

Isso nos leva a refletir sobre o espaço em que vivemos e queremos, apesar de muitas lutas e várias conquistas, existem pessoas que, depois da terra conquistada,

¹Termo usado pelo camponês quando se trata da mata virgem, ou seja, que nunca tenha sido trabalhado nela.

vendem seus lotes cedendo espaço, novamente, para os fazendeiros. A questão é: o que leva um agricultor vender seu lote para migrar para cidade? A falta de infra-estrutura? Escola para os filhos? Devemos lembrar que os trabalhadores vêm lutando para conquistar um espaço digno e muito se tem alcançado no decorrer dos anos, com apoio de algumas entidades, destacando o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais que está mais perto dos agricultores, seguindo da FETAGRI, CONTAG, CPT, entre outros, que vêm ocupando seu espaço.

Depois que as organizações dos trabalhadores começaram atuar no campo foi possível perceber um grande número de Projetos de Assentamento-PA's e acampamento em processo de desapropriação.

Hoje vários Assentamentos têm outra base, na grande maioria temos escolas, energia elétrica, posto de saúde, estradas, assistência técnica, contamos com financiamento do governo para dar sustentabilidade ao agricultor como: PRONAF A e AF (Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar) que são projetos florestais, Habitação, Fomento, Mais alimentos e outros, embora muito ainda precisa ser feito para que as políticas públicas sejam garantidas e efetivadas.

No município de São João do Araguaia-PA, situado na microrregião de Marabá possui aproximadamente 17.000 habitantes, no qual em média de 13.000 habitantes reside na zona rural. O município conta com 10 Projetos de Assentamento e 04 ocupações.

Neste contexto enfoco o Assentamento Ubá que hoje é um dos mais antigos do Município de São João do Araguaia, composto por 102 (cento e duas) famílias assentadas. O modo como estas estão organizadas socialmente é através do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Município, associação dos assentados, denominado Associação dos Pequenos Agricultores da Ubá (APAU), Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI), igrejas (protestante e católica), escola, etc. o PA é cortado pela BR 230 Rodovia Transamazônica e está localizado a 14 km de São João do Araguaia.

1.2 Contando a História do PA

O castanhal Ubá pertencia ao fazendeiro Edmundo Virgulino e contava, no início da década de 80, com a presença de 18 moradores que viviam do extrativismo com algumas roças de dimensão muito pequena. A colheita de castanha era vendida ao fazendeiro no sistema de aviamento. Em 1984, o líder religioso da Vila Diamante, que é uma das vilas do município de São João do Araguaia, organizou uma ocupação com aquelas famílias. O gerente da fazenda pediu logo para que retirassem as famílias, afirmando que as mesmas não entraram apenas para fazer a roça e sim para lutar pela posse da terra. Através de uma ação judicial os trabalhadores foram retirados do local. Em 1985, o castanhal foi novamente ocupado.

Nesta nova ocupação, estrategicamente, o proprietário convocou os “trabalhadores” para uma reunião na sede da fazenda. O motivo da reunião era para informar que a área seria desapropriada e que precisava saber o nome das pessoas que haviam feito parte da ocupação da área, pois essas pessoas seriam contempladas na distribuição dos lotes. Assim fizeram à lista contendo o nome de todos os “trabalhadores”. A lista foi enviada para os pistoleiros do bando do famoso *Sebastião da Terezona* com a ordem de “limpar” a área. No dia 13 de junho aconteceu o massacre com a morte de 06 pessoas. Após cinco dias, o líder da organização foi assassinado, e entre os dias 13 e 18 de junho de 1985 foram assassinados mais 08 pessoas. Segundo relatos de pessoas que presenciaram o homicídio no total foram mortas aproximadamente 22 pessoas.

Houve no início um conflito entre trabalhadores e moradores antigos, pois estes perceberam que não havia morrido nenhum morador. Partindo deste fato, concluíram que os mesmos tinham participação na hora de apontar as vítimas. Após o massacre, devido a grande repercussão e divulgação do massacre, foram para a área instituições governamentais e não governamentais: o STR de São João do Araguaia, CPT, Instituto de Desenvolvimento Econômico (IDESP) e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Em maio de 1986, o STR fez um levantamento da área e constatou que havia apenas 22 famílias. Pediu que as mesmas não deixassem a área, pois a permanência delas seria fundamental para acelerar o processo de desapropriação.

Em 1988, percebendo que o processo de desapropriação ganhava pulso, o proprietário vendeu a fazenda para a Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR). Essa venda foi ilegal, porque a terra estava sob litígio: o título foi expedido pelo Estado e como a área estava sob o domínio da união, a titulação não poderia ser feita pelo Estado. A compra da fazenda pela COSIPAR se deu sob alegação de desenvolver um projeto de extração de madeira e reflorestamento.

Com o intuito de proteger a área contra novas ocupações, o governador, que na época era Jader Barbalho, Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, mandou fixar placas, com inscrição do projeto. Com isso, as famílias que abandonaram a área anteriormente voltaram a ocupar a área novamente. Durante aproximadamente dois anos a COSIPAR não fez nada contra a ocupação da área.

Houve uma nova situação de conflito, envolvendo trabalhadores, as empresas madeireiras e carvoarias, estas eram tercerizadoras da produção de carvão vegetal junto com a COSIPAR. Os trabalhadores pressionaram para que a mesma retirasse essas empresas. A COSIPAR moveu uma ação judicial contra os trabalhadores alegando que os mesmos eram responsáveis pelo desmatamento, mas não obteve êxito o passo seguinte foi tentar indenizar com uma quantia irrisória algumas famílias, principalmente os que residiam às margens da rodovia Transamazônica. O STR atuou interferindo junto aos trabalhadores para que eles ficassem atentos às propostas da COSIPAR e não abandonasse a área. Segundo os moradores o processo de desapropriação ocorreu depois que os posseiros e STTR acamparam no INCRA por uma semana em 1998.

Durante o conflito e até hoje as famílias puderam contar com contribuição de várias organizações governamentais e não governamentais que atuam junto às famílias assentadas e suas organizações, onde podemos citar: i- INCRA, presente na demarcação do assentamento, onde sua atuação voltou a ser mais efetiva recentemente, através do programa de reforma agrária, iniciando o cadastramento e a liberação dos créditos de apoio e habitação; ii- prefeitura local, através da Secretaria Municipal de Educação, que construiu escolas, contrata professores, é responsável pela merenda escolar; iii- Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR, que tem uma forte contribuição na consolidação da organização das famílias na área, possuindo hoje uma relação direta com a associação local, a qual é filiada ao mesmo; iv- Federação dos

Trabalhadores na Agricultura – FETAGRI, que atua no PA de forma indireta, proporcionando cursos, debates e palestras de capacitação para a diretoria da associação e para os associados, além de organizar, representar e defender juntamente com o sindicato, as demandas das famílias assentada; v- Comissão Pastoral da Terra – CPT, que foi uma das primeiras organizações não governamentais que deu apoio a ocupação da área, aspecto importante na conquista da terra desde a primeira ocupação do Castanhal Ubá, na década de 80. Esta entidade ligada à igreja católica também denunciou os vários assassinatos ocorridos na área; vi- Cooperativa de Prestação de Serviços – COPSERVIÇOS, que iniciou sua atuação no PA no final de 1999 promovendo debates e palestras sobre o projeto de financiamento de custeio e investimento para as famílias assentadas, tendo como resultado deste trabalho a elaboração e encaminhamento, junto ao Banco da Amazônia, alguns dos projetos de créditos e apoio.

Esse conjunto de entidades públicas e particulares tem uma importância significativa na construção do processo de participação, emancipação e conquista de direitos das famílias do PA. Vale lembrar aqui outras conquistas que vão além da propriedade da terra, mas também, a árdua luta pela permanência/ sobrevivência na terra, fato esse muito difícil, pela falta de eficiência da política de Reforma Agrária que não garante sequer os direitos sociais fundamentais dos assentados: educação, saúde e infra-estrutura suficiente para produzir na terra. Esse fator foi crucial e levou muitos agricultores a venderem suas parcelas sob pena de perder toda a família com a falta de assistência a saúde, onde muitos morreram de malária, crianças morreram de doenças comuns pela simples falta de assistência, mulheres morreram de parto por falta de atendimento, etc. No entanto, outros ganhos como o crédito, a assistência técnica, ambos de maneira problemática, mas funcionando aos poucos através do programa de ATEs. O Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA) também se constitui enquanto uma conquista sem o qual os menos de 1% dos assentados não teriam conseguido uma vaga na Universidade Pública nessa região, ou sequer a alfabetização inicial. Esses são alguns dos ganhos possíveis a partir da parceria com essas entidades.

1.3. Encontros com o Campo

Como agricultora, assentada da Reforma Agrária e educanda do curso de Pedagogia do Campo é necessário refletir um pouco sobre meu próprio processo formativo em minha trajetória de vida.

Nascida em 17 de junho de 1980 no município de São João do Araguaia – Pará, onde vivo hoje com meu esposo e três filhos, no Projeto de Assentamento Prata. Comecei a estudar apenas aos nove anos de idade, já ingressando no ensino fundamental ficando assim uma lacuna na minha vida com relação a educação infantil, pois não tive o privilégio de participar dessa modalidade de ensino, pois onde eu morava não tinha escola e meus pais não tinham condição financeira para nos colocar para estudar fora, pois éramos três irmãos menores, então a despesa seria maior.

Vivi minha infância no campo, quando cresci fui morar na cidade, mas não deu muito certo e hoje vivo e amo viver no campo. Quando meus pais vieram do Maranhão eu ainda não tinha nascido, logo que chegaram foram trabalhar para um Senhor com prenome Lindomar, no município de São João, próximo à fazenda Ubá, que hoje é um Projeto de Assentamento.

Eu não tinha muito contato com livros, revistas e/ou panfletos, o que circulava muito em minha casa era Romance (*histórias de trancoso*), quem lia era meu irmão mais velho. Todas as noites eu amava ouvi meu irmão lendo, ele lia quase cantando, e eu de tanto ouvir já havia decorado algumas das histórias. Lembro-me claramente quando chegava à noite e a sala ficava cheia de pessoas vizinhas que caminhava quilômetros somente para ouvir as histórias que meu irmão lia, enquanto eu ficava me imaginando lendo e sendo admirada por aquelas pessoas.

Sempre que meu pai ia a cidade trazia um romance diferente, lembro-me de alguns como: O Negrão do Paraná, Coco Verde e Melancia, A mulher que enganou o diabo, A morte de João Grilo, entre outros.

Meu sonho era ser professora, tão tanto que minha brincadeira preferida era de escolinha, eu admirava muito (e admiro até hoje) essa profissão, eu vivia rabiscando as paredes da casa de minha mãe com um pedaço de carvão. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, a sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo maior

dos meus pais. O chão foi meu quadro - negro; gravetos o meu giz (FREIRE 97 p.15) reafirmando o que diz o autor, minhas primeiras palavras eu aprendi rabiscando as paredes.

Com nove anos de idade, meus pais me colocaram para estudar na cidade mais próxima que é São Domingos do Araguaia, onde cursei o ensino fundamental e médio. Contudo eu sempre tive um vínculo muito grande com o campo, pois meus pais continuaram morando lá. Meu coração ficava pulando de alegria quando chegavam às férias na escola para voltar ao campo.

Era difícil ficar longe de meus pais, pelo fato de ser a mais nova eu era muito ligada a eles, mas a vontade de aprender era maior. Na escola eu era uma pessoa de poucos amigos, calada sempre no meu canto, no início foi difícil interagir com os outros alunos, mas aos poucos fui conseguindo criar um elo de amizade com alguns colegas da sala de aula. A escola pra mim foi o lugar onde aprendi muito, não só a ler e escrever, mas crescer como pessoa, ou seja, andar com as próprias pernas. Três anos depois minha cunhada mudou para roça e a gente teve que procurar outro lugar pra ficar. Fui morar na casa de uma família, onde eu estudava e cuidava de duas crianças em troca de estadia e às vezes ela me dava algum material didático. Dois anos depois fui morar na casa de meu padrinho, onde passei três anos.

Durante muito tempo eu não tive estabilidade, meus irmãos resolveram desistir da escola, pois não agüentaram ficar de um lado pra outro e disseram que só voltariam estudar quando meu pai comprasse uma casa na cidade pra gente ficar, mas naquele momento ele não tinha condição financeira pra isso, então meus irmãos passaram muito tempo sem freqüentar escola.

Meu pai vendeu o lote e comprou outro, dessa vez mais longe, no município de Marabá, denominado “*Capoeiras*” onde no inverno ficava de difícil acesso, por que as estradas cortavam com as chuvas. Isso fez com que eu me distanciasse ainda mais de meus pais, já que só podia visitá-los durante o verão.

Meus pais não tinham tempo de acompanhar minha vida escolar de perto para saber como eu estava indo na escola, sempre fui muito esforçada para tirar boas notas,

porém, ninguém pedia pra ver minhas avaliações, eu era avaliada através de provas bimestrais e a cada dois bimestres o responsável tinha que ir até a escola assinar o boletim com as notas dessas provas, as pessoas que iam assinar nunca falavam nada a respeito, eu esperava um elogio dizendo que tinha tirado boas notas, mas nunca ouvi.

Em 1996 passei a morar com uma amiga, nós tínhamos a mesma idade. O pai dela tinha um lote na mesma localidade que meus pais moravam. Teve momentos que a gente fazia loucura para ir até o assentamento, como por exemplo, andar quilômetros a pé só as duas em áreas perigosas no meio da mata, onde dizem que tinha onça.

Passei um ano com essa amiga, logo ela foi embora e eu fiquei morando sozinha, minha família aparecia de vez em quando e assim eu ia levando a vida. Depois de um ano morando sozinha, decidi mudar pra outro município (São Geraldo do Araguaia) em busca de melhoria de vida, eu queria arrumar um emprego para me manter nos estudos, pois até então eu dependia somente de meus pais.

Chegando a São Geraldo fui morar na casa de uma família, eu trabalhava e continuava estudando (estava cursando o 1º ano do ensino médio) para mim tudo era novidade, escola nova, estava saindo do ensino fundamental para o médio, isso pra mim era uma grande conquista tinha que me adaptar procurar fazer novas amizades, e eu tinha certeza que a princípio seria difícil, mas com o passar do tempo fui me adaptando. O que ficou mais difícil visitar minha família, porque as passagens eram mais caras, foram momentos realmente difíceis na minha vida. Longe de casa, dos parentes a principio sem amigos, pensava em desistir, ir embora, mas logo pensava nos meus objetivos, que era concluir pelo menos o magistério e realizar meu sonho de ser professora.

Em 1998 minha mãe mudou para São Domingos e meu pai ficou na roça sozinho, então eu retornei e fui morar com ela para continuar meus estudos (depois de anos, eu estava vivendo com minha mãe novamente). No ano em que fui morar com ela engravidei e desisti da escola. Essa gravidez inesperada fez com que eu perdesse o ano na escola por que eu tinha vergonha do que os outros iriam pensar a meu respeito, pois eu tinha sido educada pela minha mãe que filhos só depois de casada, então quando estava por volta do terceiro mês quando minha barriga estava aparecendo eu desisti da

escola, passei a ser mãe, assumir novas responsabilidades. Minha mãe apesar de não concordar com a gravidez me ajudou muito nesse período, eu estava sem trabalhar e não tinha sequer o básico para atender as necessidades da criança quando nascesse.

No ano seguinte retomei meus estudos, agora com mais força de vontade. Em 2001 concluir o ensino médio Magistério, aos poucos estava conseguindo avançar no que diz respeito aos estudos. Logo fiz amizade com uma moça que trabalhava no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Domingos do Araguaia, então passei a participar de cursos e palestras, relacionadas aos movimentos sociais e reuniões no Sindicato. Às vezes surgiam viagens e eu sempre envolvida para aprimorar meus conhecimentos, conhecer novas pessoas e lugares.

Em 2003 me escrevi no vestibular para o curso de Pedagogia na UFPA, pois esse era o curso que me aperfeiçoaria na área que eu queria atuar infelizmente não passei, porém jamais pensei em desistir, ia continuar tentando. No final desse mesmo ano recebi um convite de um amigo (que hoje é meu esposo) para entrar no PRONERA, onde eu iria participar de encontros de formação e alfabetizar jovens e adultos no Projeto de Assentamento Ubá durante dois anos 2004/2005.

Pela primeira vez eu iria trabalhar na sala de aula, fazer o que sonhava minha vida inteira. Pelo fato de eu ainda não ter trabalhado em sala de aula, tinha uma preocupação que seria trabalhar com pessoas mais velhas do que eu, mas também gratificante, pois seria uma troca de conhecimentos. Não pensei duas vezes, em aceitar o convite, eu estava deslumbrada com tudo isso e não via a hora de começar.

O PRONERA foi instituído oficialmente em abril de 1998, fruto do processo de luta dos movimentos sociais, forjando a discussão e exigindo uma política de educação do campo. Na região sudeste do Pará o mesmo surge em 1999, com a primeira turma de escolarização de 5ª a 8ª série, tendo como parceiros a Universidade Federal do Pará - Campus do Sul e Sudeste do Pará, o INCRA, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI) e o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Posteriormente houve outras novas turmas como a de continuidade da escolarização de 5ª a 8ª, turma do Ensino Médio e turmas do Superior: Agronomia, Letras e Pedagogia.

O PRONERA contribuiu ainda com a formação de pós-graduação no nível da especialização com os mesmo parceiros citados acima.

Em 2004 entrei no PRONERA-EJA, onde iniciou com uma oficina de formação para educadores do PRONERA que foi o momento inicial da formação para que eu pudesse atuar na sala de formação. Esta aconteceu na Escola Família Agrícola (EFA) e foi ministrada pelo Dan Baron² e Manoela Souza³. A abertura do encontro deu-se a partir de uma atividade de apresentação chamada “teia da vida” iniciada pelo coordenador do PRONERA/EJA professor Evandro Medeiros. A metodologia da atividade era com todos sentados em círculo, onde se desenrolava um novelo de barbante enquanto se apresentava ao restante do grupo e jogava para alguém que fazia o mesmo até o ultimo se apresentar formando uma grande teia. Ali a gente conhecia cada participante, um pouco da história de vida de cada um, era uma forma de entrosamento.



Foto 01: Atividade de apresentação.
Fonte: Arquivos do PRONERA 2004

Essa primeira formação trouxe a discussão sobre o campesinato na região sul e sudeste do Pará, naquele momento comecei a perceber como era importante está fazendo parte de um projeto que reconhece a importância do camponês, que valoriza a nossa cultura.

² Nascido em Londres, Inglaterra, em 1957, de uma família do país de Gales e do Quebec, Canadá. Formado em Literatura Inglesa e pós graduou-se em Teatro Político Pela Universidade O xford.

³ Arteducadora e participante do projeto Desenterrando o Futuro

Como havia citado acima o PRONERA/EJA teve dois anos de duração, foram realizadas várias formações que possibilitou me reconhecer enquanto sujeito e vencer muitas barricadas, como por exemplo, falar em público, pois eu era travada na hora de falar, tivemos educadores excelentes que ficaram na memória. Nós enquanto turma tínhamos uma boa convivência, éramos um pouco de tudo, atores, poetas, cantores, humoristas e claro, educandos e educadores do campo. Contávamos nossa história de vida um para outro, esses dois anos foram significativos para mim enquanto educadora.

Em 2006 surgiu o curso de Formação de Nível superior em Licenciatura Plena em Pedagogia para Educadores e Educadoras do Campo no Sul e Sudeste do Pará, tendo como Entidades parceiras o INCRA – Superintendência Regional do Sul do Pará – SR (27); a Universidade Federal do Pará, Campus do Sul e Sudeste do Pará (UFPA/CSSP); FETAGRI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Regional Sudeste e a FADESP – Fundação de Amparo ao Desenvolvimento da Pesquisa, cujo objetivo do curso: Formar o pedagogo para atuar na docência e nas diferentes dimensões do trabalho pedagógico em âmbito institucional, possuindo competência técnica e política no desenvolvimento de sua práxis transformadora, compreendendo e analisando as necessidades da sociedade globalizada, e intervindo nas demandas específica da região. Quando foi para iniciar o curso eu estava no oitavo mês de gestação, não consegui participar do cursinho preparatório para o vestibular que acontecia na UFPA, pois eu trabalhava oito horas por dia, então só pedia a Deus que me ajudasse para que eu passasse e finalmente realizar meu sonho. Enfim, recebi o resultado eu estava aprovada, meu sonho estava se realizando.

As aulas iniciaram no dia 26 de junho, com a disciplina Arte e Educação ministrada pelo Dan Baron e Manoela Souza, esse primeiro momento aconteceu na Escola Família Agrícola (EFA), onde passei por experiências riquíssimas, conhecendo a história de vida de cada componente da turma e eu me via um pouco em cada história que estava sendo contada.

Antes de terminar a primeira etapa, meu filho nasceu, passei mal, achei que não iria sobreviver, pois meu parto foi marcado por algumas complicações. Durante o tempo em que tive no hospital, pensei em tudo que passei na vida, os planos, os sonhos e agora que estava realizando um sonho, estava ali nas mãos dos médicos. Mas no final deu tudo certo.

No segundo período, o Dan e a Manoela voltaram, onde eles contribuíram para construção de uma nova pedagogia voltada para o campo, e no primeiro momento dessa atividade foi proposto a criação um palco coletivo de direitos humanos, onde os alunos criam um palco dialógico através de troca de respostas as perguntas sobre sua identidade e desafios na vida. Nesse momento pensamos na necessidade da construção de um Livro Coletivo, onde mostraremos nossas experiências enquanto aluno e educadores que atuam no campo.

No curso de Pedagogia tivemos educadores muito comprometidos, no qual cada um desenvolveu um trabalho, sendo cada etapa uma possibilidade para novos conhecimentos, o encontro com autores que contribuíram para meu desenvolvimento, como: Freire, Vigotski, Piaget, Arroyo, Caldart, Molina etc. Esses têm contribuído muito para minha prática de leitura, uma nova forma de ver/ler o mundo. Com o curso de Pedagogia do Campo, fui mudado minhas ações principalmente no que diz respeito a todo contexto social, as intervenções criticas construtivas na comunidade, os projetos realizados no Assentamento com novas propostas educacionais para uma educação no campo, na realização de projetos na comunidade.

Durante o curso realizei várias pesquisas no assentamento, uma dessas foi no ano de 2007 no qual a referida pesquisa era voltada para educação infantil e tinha como objetivo, levantar demanda de educação infantil nos assentamentos, perceber a visão da comunidade com relação à educação infantil e conhecer as práticas de educação infantil (formal e não formal) existentes no P.A onde o resultado foi um número significativo de crianças com idade escolar fora da escola. Diante desse resultado me despertou o interesse em realizar uma pesquisa que possibilitasse conhecer, intervir e acompanhar as práticas de educação infantil aplicada no Projeto de Assentamento Ubá, e se essas práticas condizem com a realidade dos alunos do campo, para assim compreender melhor o fato de tantas crianças estarem fora da escola.

2 – CAMINHOS NA/DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Reflexos na educação infantil

2.1. Educação Rural nos Assentamentos

Quando se fala de educação Rural nos Assentamentos é importante discutir a realidade das escolas a partir da política oficial do município desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de São João do Araguaia, numa tentativa de compreender melhor essa realidade, bem como propor alternativas que refletissem na melhoria da educação do campo.

A educação rural é uma prática oficial realizada através das secretarias de educação dos municípios cujos reflexos estão expostos na realidade das escolas e dos educandos, onde observo que se torna cada vez mais problemática, por não preparar adequadamente os educandos para viver no campo, inclusive negando a realidade dos mesmos.

Dessa maneira, a educação rural praticada pelos Órgãos Oficiais é uma educação importada dos centros urbanos e não fala das realidades dos sujeitos do campo. Portanto, é uma educação falha e excludente, sem uma preocupação com os sujeitos a quem atendem a exemplo dos filhos de assentados da Reforma Agrária, agricultores, que vivem e trabalham no campo e possuem um contexto sócio cultural específico o qual a escola não reconhece.

Comumente as secretarias de educação não se preocupam com o perfil profissional desse educador que vai atuar no campo. Contrata professores sem sensibilidade suficiente para conhecer a realidade dos educandos e sem ter tal vivência e ainda possui uma formação voltada para o ambiente urbano logo, alguns dos profissionais que vem da cidade por vários motivos tende a não se interessar pela realidade do educando simplesmente pelo fato de não morar na comunidade. Esse conjunto de fatores contribui efetivamente para aumentar a taxa de evasão e manter o índice de analfabetismo no campo. GOUVEIA (1992) reafirma tal situação:

É possível que assim se explique em parte o relativo descaso em que se encontra a educação rural atualmente no Brasil. Dos cento e quarenta e três projetos financiados pelo INEP no período de 1972-76, apenas três se refere à educação rural. Por outro lado, essa não é uma questão com a qual se preocupam os estudos encontrados nas outras fontes consideradas. Os

problemas mais visíveis são os que se apresentam em decorrência da rápida multiplicação de escolas e grande expansão das matrículas nos centros urbanos. No entanto é no campo que se encontra o maior número de pessoas analfabetas e se verificam as mais altas taxas de repetência e evasão escolar. (Gouveia, 1992 p.78)

A educação rural tem se traduzido em um grande entrave para as populações do campo. Se nos voltarmos para a história, verificamos que o Brasil surge dentro de um modelo agro-exportador e por tanto começa sua história a partir de relações de produção agrária e agrícola. Assim a educação reflete e reproduz os diversos modelos econômicos adotados no país. A educação rural não está isolada desse modelo. O campo sempre foi tratado de forma diferenciada em relação à cidade, ou melhor, com descaso, apesar de ser responsável pela produção de alimentos que sustenta a sociedade em geral. Na escola rural não se pratica o diálogo cultural com os sujeitos do campo, não só com os alunos matriculados formalmente, como também com a comunidade camponesa de forma geral.

Por volta dos anos 60, surge no Brasil uma prática educativa diferenciada da tradicional educação rural: à educação por alternância, a experiência da Escolas Família Agrícola (EFA), e das Casas Familiares Rurais (CFR), que aparecem como alternativas aos sistemas educacionais impostos aos sujeitos do campo pelo estado, que na realidade não contribuem na formação camponesa e acaba sendo uma negação da identidade e da importância desses sujeitos e seus espaços.

A realidade degradante das escolas rurais tem sido objeto de muitas discussões em vários setores, tanto o movimento camponês, como a academia, entidades e outros. Nas duas últimas décadas observamos no Brasil o crescimento de uma mobilização social em torno da reivindicação de políticas de educação através do conhecido movimento “por uma educação do campo”, envolvendo os movimentos sociais, em especial a FETAGRI, CONTAG, MST e outros.

O município de São João do Araguaia, apesar de muito antigo é um município pequeno e apresenta uma população de 17.000 habitantes (IBGE, 2010), onde predomina a população do campo. Contudo a educação rural deste município não foge a regra, é uma dura realidade, pois o maior número de escolas está localizado no campo e nem por isso se tem pensado em uma educação voltada para os alunos do campo.

Dados da Secretaria de Educação mostram que das 42 escolas do município, 38 estão localizadas no campo.

Veja gráficos abaixo:

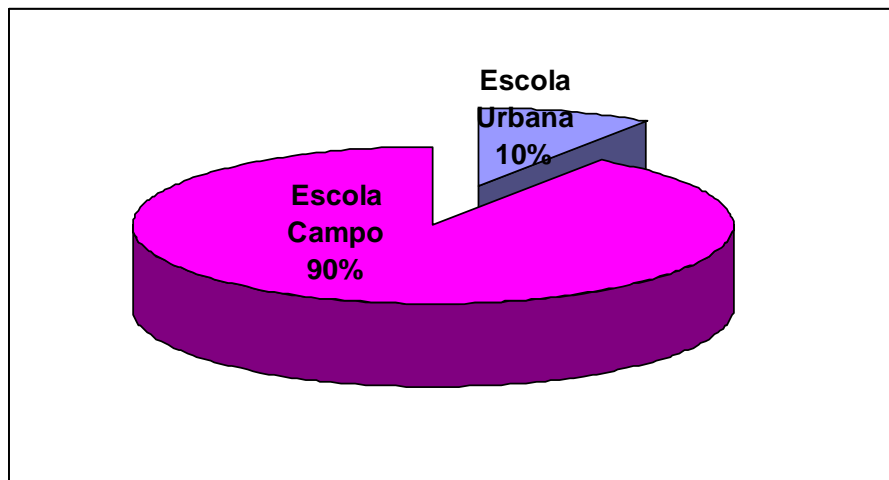


Gráfico 01: Percentual de escolas no município, segundo a Localização.

Fonte: INEP, 2010. <http://www.educasenso.inep.gov.br/relatório/municipal/relescolas>

O gráfico 01 mostra que a maioria das escolas do município de São João do Araguaia estão localizadas no campo, ou seja; 90% delas se localizam na área de domínio camponês, e somente 10% se encontra na sede do município, o que reafirma que a maioria da população do município reside no campo, seja em Assentamentos de Reforma Agrária ou áreas de agricultura familiar antiga, como vazantes, colônias, etc. Assim essas escolas estão normalmente localizadas em vilas e povoados do município, portanto, é necessário pensar um ensino culturalmente adaptado, pois o que observamos é que a grande maioria dos professores vem da cidade, trazendo algo estranho para ensinar aos alunos que por sua vez tem muito mais a ensinar a seu professor, sobre as matas, os animais, as plantas, forma de cultivo da terra e outros. Se a maioria das escolas está localizada no campo é por que a maioria da população reside no campo, o que nos faz afirmar que a maioria dos alunos de São João do Araguaia se concentram em áreas camponesas, como revelam os índices abaixo:

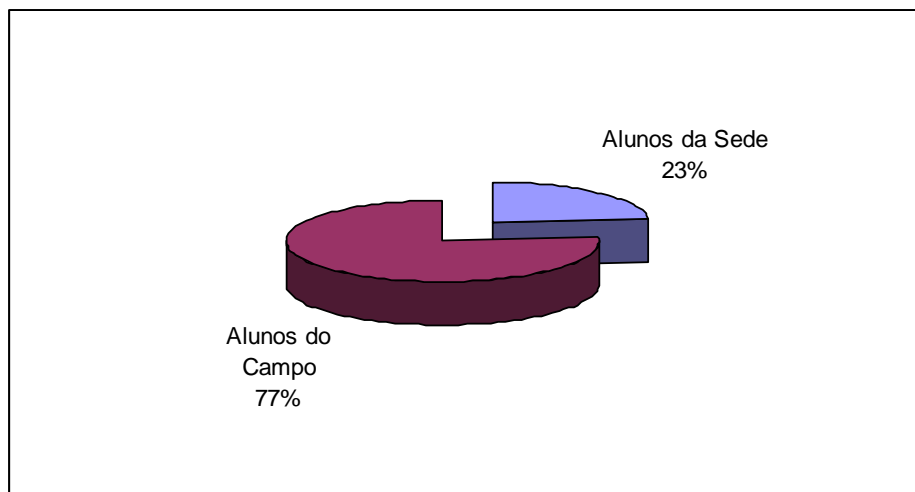


Gráfico 02: Percentagem de Alunos do município segundo Localização da Escola.
Fonte: INEP, 2010. <http://www.educasenso.inep.gov.br/relatório/municipal/relescolas>

Conforme se constata no Gráfico 2, 77% dos educandos ligados a Secretaria de Educação de São João do Araguaia são alunos do campo e 23% são alunos matriculados nas escolas da Sede. Sabemos ainda que em função de deficiência da educação rural, muitos pais agricultores tiram os filhos das escolas do campo para matricular nas escolas da cidade, percebendo que há uma atenção maior do poder público para as escolas localizadas na cidade ou mesmo por conta da ausência de escola. Esse é um dos motivos da migração do campo para a cidade. A escola é um elemento importante que pode contribuir para fortalecer o campesinato, mas da forma como ela tem se comportado no campo, tem sido motivo de saída dos camponeses e seus filhos do campo em busca de outras possibilidades. Esses dados reafirmam a necessidade de pensar uma política específica para a educação do campo, que seja comprometida com a cultura camponesa, que valorize e reafirme a identidade dos povos do campo. Segundo ABRAMOWAY (2000): *“O mais importante desafio que tem pela frente as forças capazes em principio de levar adiante um pacto de desenvolvimento territorial consiste na mudança do ambiente educacional existente no meio rural.”*

Assim é importante que se faça uma mudança no ambiente educacional no meio rural, como também é desafiante para o seu desenvolvimento, uma vez que ainda persistem preconceitos por parte dos agricultores que ainda não estão conscientes do que o meio rural lhes pode oferecer. É por isso que não se trata apenas de melhorar a escola rural, mas de modificar o conjunto do ambiente educacional e escolar.

A educação rural tem se desenvolvido nas últimas décadas, graças às mobilizações sociais dos movimentos, que por sua vez reivindicam seus direitos, por uma educação digna nas áreas de assentamentos. Observamos que apesar de tímido já há um crescimento significativo no que diz respeito às políticas educacionais no campo.

2. 2 Educação do Campo: uma proposta dos Movimentos Sociais do Campo

A educação do campo nasce de outro olhar sobre o campo.

Arroyo, et.al.

A educação do campo, nas ultimas décadas vem tomando proporções significativas, e visibilidade social, especialmente com a contribuição e mobilização dos movimentos sociais do campo. Toda essa mobilização em torno da educação do campo deve-se a necessidade de reivindicar direitos dos sujeitos do campo junto ao poder publico, para garantir uma educação digna para os povos do campo. Observa-se que ainda há muitos problemas com relação à escola do campo, que é tratada com descaso, ou seja, sem a preocupação com relação à infra-estrutura, a profissionais, ao apoio, ao currículo e a um calendário que se adapte a realidade do campo.

Por ser uma escola localizada no campo, as secretarias não se preocupam em contratar profissionais qualificados para atuar nesta área, e que se preocupe com as reais necessidades da comunidade em geral, pois quem atua no campo tem que pensar não só nos educandos, mas na comunidade com um todo. Pensar um projeto de educação que atenda as necessidades do povo camponês é pensar uma educação que reafirme a cultura camponesa nas suas diversas expressões, sem deixar desaparecer a cultura do lugar. De acordo com CALDART:

Construir uma escola no campo significa pensar e fazer a escola a partir do projeto educativo dos sujeitos do campo, tendo o cuidado de não projetar para ela o que sua materialidade própria não permite; trazer para dentro da escola as matrizes pedagógicas ligadas às práticas sociais; combinar estudo com trabalho, com cultura, com organização coletiva, com postura de transformar o mundo... (Caldart 2004 p.157)

Conforme reafirma CALDART (2004), a escola do campo deve valorizar as práticas sociais camponesas, combinando estudo, trabalho, cultura e organização

coletiva, além de assumir uma postura transformadora que dignifique a vida dos sujeitos do campo.

O movimento Por uma Educação do Campo existente hoje no Brasil possui uma longa história, desde a luta pela terra até a luta pelas condições de permanência na terra, ou seja, a luta por uma educação do campo está ligada a luta por Reforma Agrária, que não se limita a mera distribuição de terra, mas a um conjunto de coisas que dignifiquem a vida no campo: educação, saúde, assistência técnica, crédito e outros. Sem dúvida esse movimento por uma educação do campo tem um aprendizado com o exercício da luta, através da ampla mobilização camponesa, iniciadas desde as Ligas Camponesas do Nordeste, depois assumida pelos sindicatos de trabalhadores rurais, e mais recentemente fortalecida com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Sem esquecer a grande contribuição da Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base, que atuou fortemente na formação, mobilização e denúncia das injustiças sociais, especialmente depois da ditadura militar, principalmente aquelas que atingem o povo do campo. Outra questão é a experiência da pedagogia da alternância iniciada nos anos 60, nas chamadas Escola Família Agrícola e Casas Familiares Rurais de origem européia trazidas para o Brasil com a influência da Igreja católica.

No sudeste paraense esse movimento tem sido expressivo, conseguindo garantir políticas públicas particularmente para os assentamentos de reforma agrária. Os movimentos sociais do campo formado pela FETAGRI e seus sindicatos, Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, CPT e outros, conseguiram garantir uma experiência de educação do campo através do PRONERA. A primeira turma foi de escolarização no final dos anos 90 e início dos anos 2000, sendo uma turma de fundamental e depois uma de ensino médio. Atualmente temos uma Licenciatura Plena em Pedagogia (Pedagogia do Campo) que foi iniciada em 2006, inicialmente com 50 educandos, jovens filhos de assentado e professores que atuam no campo e membros de entidades do campo. Também formou a turma de Letras e de Agronomia, ligadas ao MST. Tivemos ainda experiências de especialização baseadas na política de educação do campo. Todas essas turmas foram possíveis com a parceria com a Universidade Federal do Pará e o Governo Federal. Em 2009 a Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus de Marabá, aprovou um curso específico para atender essa demanda, é o curso de Educação do Campo, voltado para atender agricultores e filhos de agricultores e

ainda educadores que atuam no campo. Tudo isso é fruto de uma grande conquista dos movimentos sociais do campo.

Em 03 de abril de 2002 foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação as Diretrizes Básicas das Escolas do Campo como resultado das reivindicações históricas dos movimentos sociais que lutam por uma educação de qualidade para as pessoas do campo. As Diretrizes Operacionais para Educação Básica no Campo, Artigo 28, nos capítulos I, II, III diz que:

Na oferta de educação básica para população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação, as peculiaridades da vida rural e de cada região, especificamente.

I - conteúdos curriculares e metodologia apropriadas as reais necessidades e interesse dos alunos da zona rural;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e condições climáticas;

III – adequação a natureza do trabalho na zona rural;

Conforme as Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo, para se contribuir com um desenvolvimento educacional digno para os povos do campo, é obrigatório promover adaptações curriculares, conteúdos, tempos para garantir uma educação que respeite e valorize os sujeitos do campo, sob pena de se continuar enganando com discursos e práticas que não contribuem para a emancipação desses sujeitos.

2.3 - Educação Infantil: Na Legislação, na teoria e na prática das escolas rurais.

As práticas pedagógicas de educação infantil nos Projetos de Assentamento têm nos trazidos preocupações e assim provocado questionamentos, particularmente em relação ao processo ensino aprendizagem. Que proposta educacional serve para as crianças que vivem no campo, e que experimentam realidades tão diferentes dos alunos da cidade?

Sabemos que o currículo é feito no e para o ambiente urbano, e é aplicado na realidade rural sem nenhuma adequação, elemento que tem causado inquietações, pois este currículo não considera as necessidades do indivíduo do campo, nem o que tem ao seu redor. Geralmente os conteúdos trazidos para a sala de aula do campo falam de algo

que acontece em lugares que as crianças desconhecem prejudicando seu desenvolvimento intelectual.

Levando em consideração a importância do desenvolvimento das crianças de até seis anos de idade, observei que a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei de nº 9394/96 traz no seu texto de forma explícita e implícita a preocupação com a educação infantil. No Título III – Do Direito de Educação e do Dever de educar destaca no Art. 4º que O Dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: (Inciso IV): atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade (LDB, 1996, p.5). No que se refere ao desenvolvimento da criança, a mesma LDB, dedica três artigos para tratar da questão. Tais artigos estão em destaque na Seção II - Da Educação Infantil. O Artigo 29 diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento das crianças até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB,1996, p. 17)

Em seguida, no Artigo 30 afirma:

A educação infantil será oferecida em:
I. creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até seis anos de idade;
II. pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade. (LDB,1996, p. 17)

E continua no Artigo 31, falando da forma de avaliação da educação infantil, onde diz que: Na educação infantil a avaliação far-se-a mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (LDB, 1996, p. 17)

Entendo ainda que o processo pedagógico assim como a metodologia de ensino deve se dar a partir de uma proposta contextualizada como forma de proporcionar e facilitar o processo de ensino aprendizagem. Procurei também apoio em vários autores da educação e da educação infantil em especial na busca de compreender mais o fenômeno estudado. Como não poderia deixar de ser, as primeiras lições teóricas vem de Paulo Freire, um dos mais expressivos mestres da educação brasileira, a quem devemos muitos de nossos conceitos e reflexões. A educação é um processo que visa contribuir na construção de sujeitos críticos. Conforme afirma FREIRE:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996 p.61)

Em FERREIRO (2008) busquei sua contribuição quando trata das experiências alternativas de alfabetização de crianças, e de como devemos criar um ambiente alfabetizador, onde a criança possa se expressar de forma que não venha a ser julgada e sim valorizada por seus garatujo, e as experiências alternativas baseadas no construtivismo consideram o processo de descoberta sem condenar o texto do aluno. No modelo atual de educação, o garatujo é condenado como erro, desconsiderando-se que a produção da escrita faz parte de um processo de descoberta.

Em relação ao currículo, Antunes (2009) trás a discussão a cerca de currículo de uma escola de educação infantil, onde convida a refletir mais a respeito do conteúdo que deve ser trabalhado com as crianças de até seis anos de idade. Compreendo currículo como a base do planejamento pedagógico de todo educador. Assim o currículo deve considerar os sujeitos para os quais se direciona, contemplando seus aspectos econômicos, sociais, culturais, históricos políticos e ecológicos.

No Referencial Curricular para Educação Infantil (1998) publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, observo uma reflexão sobre as creches e pré-escolas, no sentido de qual a concepção de criança, de educação e de educação infantil que se quer, tendo como horizonte o que se quer com aquela formação.

Quando se trata da discussão acerca da educação do campo me oriento nos textos de Caldart (2006) que discute como se formam sujeitos do campo, a importância em conhecer a realidade dos alunos que vivem no campo, sua família, cultura etc., devem nortear o educador que atua nesses espaços camponeses. Com isso a formação dos sujeitos do campo não pode ser a mesma do cidadão urbano, deve ser uma educação que flui a partir dos elementos do contexto em que esse sujeito se insere na sua diversidade, partindo do fato que esses sujeitos não são homogêneos. O campo é

constituído por uma diversidade de situações históricas e culturais, e essa diversidade deve ser visibilizada, compreendida e valorizada. O campo representa uma pluralidade de sujeitos como agricultores assentados, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, são inúmeras comunidades que guardam suas crenças, seu modo de ser e viver, enfim, conservam valores e constrói sistemas produtivos característicos de seu saber fazer.

O elemento central que os professores precisam para trabalhar com os alunos do campo, além de conhecer sua realidade é a criatividade, utilizando materiais e recursos das vivências e do contexto dos educandos. Nesse campo educativo, material é que não falta.

Segundo Kramer, “numa sociedade desigual, as crianças desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes”. (2003, p.14). A educação infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança até os seis anos de idade, pois nessa idade é necessária sua interação no meio social. Para as crianças que moram no campo é importante que se pense em uma forma dinâmica de envolvimento e procurar entender como as pessoas percebem a criança nos diferentes ângulos.

A prática dos professores em sala de aula influi muito no desenvolvimento da criança, dependendo de como o professor trabalha. Assim a prática pedagógica pode apresentar resultados diferentes: positivo quando consegue envolver a criança no processo de descoberta, ou negativo, quando pode até aniquilar o conhecimento da criança. Sonia Kramer diz que:

A cultura infantil é, pois, produção e criação. As crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo). A pergunta que cabe fazer é: quanto de nós, trabalhamos nas políticas públicas, nos projetos educacionais e nas práticas cotidianas, garantindo espaço para esse tipo de interação das crianças? Nossas creches, pré-escolas e escolas têm oferecido condições para que as crianças produzam culturas? Nossas propostas curriculares garantem o tempo para criar? (2003, p.16)

De acordo com uma das etapas da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo objetivo foi conhecer a realidade em um projeto de assentamento no município de São João do Araguaia com professores de educação infantil, para identificar o fator que dificulta o processo de ensino aprendizagem, verifiquei que na percepção dos professores, o grande entrave para desenvolver uma boa atividade é a falta de material didático e o tempo para criar e planejar atividades.

Observei que os professores não se dão conta de que existem várias formas de trabalhar sem estar necessariamente presos ao livro didático, que muitas vezes não ajuda, e acaba alienando o aluno. O professor precisa criar seu próprio material tendo como referência os elementos da vivência com o aluno o domínio com conteúdos significativos. Verifiquei também que os professores que atuam na escola do campo não moram no lugar, no assentamento, na comunidade, estando assim distantes dessa realidade, portanto não conhecem a experiência cultural dos alunos. Geralmente esses professores trazem conteúdos prontos e acabados para essas crianças, podendo assim matar um pouco do conhecimento adquirido no ambiente familiar, social e comunitário.

Devemos possibilitar a descoberta do conhecimento pela criança a partir do que ela sabe. O conhecimento não se produz apenas no ambiente escolar, mas nas vivências e práticas experimentadas. Como diz Emília Ferreiro:

Quando as crianças têm em suas casas outros materiais de leitura, não é tão grave que na escola use um único texto. Torna-se grave precisamente quando o único ambiente escolar é praticamente o único ambiente alfabetizador existente. (FERREIRO, 2008, p.33)

As crianças começam a ler tudo que os rodeiam, ou seja, fazem antes de qualquer coisa uma leitura de mundo, e o uso do livro didático se torna algo repetitivo e sem sentido para ela, pois não diz nada de sua realidade. É importante que se tenha cuidado quando se é um alfabetizador, pois de acordo com FERREIRO (2008, p.34): “Para alfabetizar é preciso ter acesso à língua escrita (tanto como para aprender a falar é necessário ter acesso à língua oral) e é isso que está ausente nas famosas cartilhas ou manual “para aprender a ler”.

Por essa e outras questões é de extrema importância que se pense em uma formação voltada para os professores que atuam nas escolas do campo, com propostas inovadoras para que venha contribuir com a atuação desses sujeitos em sala de aula. Pensando nesse conjunto de fatores, propus uma formação que pudesse vir a contribuir com os professores que atuam no campo no que diz respeito a uma proposta vinculada as necessidades dos sujeitos contemplando seus aspectos sociais, econômicos e ambientais tendo em vista uma formação que tenha resultados. A pesquisa também contribuirá com novos elementos que podem possibilitar as professoras terem uma visão

mais ampla das escolas rurais, tendo em vista que o conhecimento perpassa não somente pelos livros didáticos, mas nas relações estabelecidas entre os sujeitos.

3 – DEFININDO O CAMPO DA PESQUISA

3.1. O caminho trilhado

Quando procurava um tema para pesquisar, queria algo que eu sentisse prazer em realizar e ao mesmo tempo em que pudesse contribuir com professores, dos quais não tem vínculo nenhum com o campo, mas que ainda assim atuam em Projetos de Assentamento da Reforma Agrária, devido à falta de políticas públicas que possibilite a formação e capacitação de professores da própria comunidade. Essa carência por sua vez, estimula a inserção de professores com formação totalmente urbanocêntrica e sem nenhuma identidade ou vínculo com o campo, o que muitas vezes contribui para o fortalecimento da concepção de que o campo é um lugar atrasado e que necessita de pessoas da cidade para modernizá-lo.

A educação infantil de acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei 9394/96) tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade. No entanto, pude perceber através, de relatos de pais que vivem na zona rural e professores que atuam nessa mesma área, que esta não tem sido prioridade no Município de São João do Araguaia, principalmente em áreas de assentamentos de reforma agrária. Isso despertou meu interesse em saber quais são as práticas pedagógicas de educação infantil existentes no campo? No que essas práticas têm contribuído para o desenvolvimento pleno das crianças do campo?

3.2. (Re) Conhecendo a realidade

No PA existem cinco escolas municipais de ensino fundamental, situadas em uma distância média de dois quilômetros uma da outra, tendo o objetivo de atender a todos os alunos em questão de distância. Dessas cinco escolas, duas funcionam pelo Município de São João do Araguaia e três pelo Município de São Domingos do Araguaia, uma vez que o PA está situado nos dois Municípios.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlia Paula do Nascimento, onde funciona também a Creche Chapeuzinho Vermelho (ambas no mesmo prédio), foi a

primeira a ser construída no PA, graças às reivindicações dos assentados, que sofriam em ver seus filhos andarem cerca de três a quatro quilômetros até a escola mais próxima de casa. Diante disso, uma senhora que pertencia ao PA, que era professora, a pedido da comunidade, solicitou ao poder público a implantação de uma escola nesta comunidade. A solicitação foi atendida, e um senhor doou um pedaço de seu lote para construção da escola.

A escola Julia Paula Nascimento, é constituída de alvenaria, com piso de cimento e de lajota, coberta de telha romana. Possui ventilador, bebedouro, banheiro, poço artesiano, energia elétrica, antena parabólica, vídeo e televisão. É composta por 02 (duas) salas de aulas, 01 (uma) cantina, 01 (uma) secretaria e 01 (um) banheiro para ambos o sexo. Nela funciona uma (01) turma de multiserie, (1ª a 4ª série) e 01 (uma) turma de educação infantil que, atualmente, atende um número de 14 (quatorze) alunos no turno matutino, e apresenta um corpo técnico com 01 (uma) professora licenciada em Pedagogia (que atua na multiserie) e 01 (uma) professora de ensino médio magistério (que atua na educação infantil) e 02 (dois) funcionários de apoio. Essas professoras, não receberam até o momento nenhuma formação continuada oferecida pela prefeitura local para aperfeiçoar seus conhecimentos, deixando uma lacuna no processo de ensino aprendizagem.

Partindo do conhecimento dessa realidade, percebi a necessidade de estar realizando algo que pudesse contribuir com esses professores e para discutir educação do campo é necessário que se tenha em vista o contexto de como se faz uma educação voltada para os sujeitos do campo, discutindo a educação do campo nos assentamentos.

3.3 – Etapas do caminho

Essa pesquisa, com foco nas práticas pedagógicas dos professores de educação infantil que atuam em áreas de assentamento, se divide em três etapas: i - conhecimento da realidade; ii – proposição de uma formação para os professores, com objetivo de que os mesmos possam reavaliar suas práticas pedagógicas, bem como contribuir na descoberta de metodologias que dinamize as aulas; iii - observação das práticas utilizadas em sala de aula a partir da formação.

O objetivo geral desse trabalho se pautou na necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a educação infantil nos assentamentos, com a finalidade inclusive de propor medidas para a melhoria nesse segmento de ensino. Dessa maneira meus objetivos específicos são: conhecer as práticas pedagógicas existentes no Projeto de Assentamento Ubá e Vila Cajazeiras; realizar um processo de formação com professores de educação infantil que atuam no campo; identificar as possíveis mudanças ocorridas nas práticas pedagógicas dos professores que participaram da formação; refletir sobre o processo pedagógico desenvolvido na referida escola, incentivando o professor a estabelecer um olhar crítico sobre tais práticas a partir da formação.

Essa pesquisa se configura numa pesquisa-ação uma vez que se caracteriza enquanto uma pesquisa que além de diagnosticar os problemas existentes em uma dada realidade, permite uma intervenção na situação atual com vista a modificá-la, e esta intervenção trata de uma formação oferecida aos professores de educação infantil que atuam no campo, onde o debate se deu em torno da educação do campo, dando ênfase a educação infantil.

A primeira etapa da pesquisa foi através de entrevista com professor de educação infantil do projeto de Assentamento Ubá para identificar as principais dificuldades encontradas para exercer a docência.

Na segunda etapa da pesquisa foi oferecida uma formação aos professores denominada *Práticas Pedagógicas de Educação infantil nas Escolas do Campo*, cujo objetivo foi: Refletir sobre educação infantil junto com professores do campo, a fim de repensar as práticas pedagógicas aplicadas; produzir materiais didáticos a partir do uso de materiais reaproveitáveis; contribuir na formação dos professores de educação infantil do campo no sentido da revisão das práticas pedagógicas utilizadas e na descoberta de metodologias que dinamize as aulas e procurar sintonizar as práticas pedagógicas com a realidade dos alunos. Refletir sobre educação infantil junto com professores do campo

Registro de momentos da formação



Foto 02: Leitura de texto
Fonte: Maria da Conceição F. da Silva



Foto 03: Leitura e discussão de texto
Fonte: Maria da Conceição F. da Silva

A formação foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Pequeno Polegar, situada na Vila Diamante Km 40, Município de São João do Araguaia, com a participação de 08 (oito) professoras de educação infantil, dessas, 01 (uma) atua na Vila Cajazeiras, que é uma das vilas do Município, 01 (uma) no Projeto de Assentamento Ubá e 05 (cinco) da Vila Diamante. São professores admitidos através de concurso público, desses, 04 (quatro) residem no Município vizinho, e os demais na Vila Diamante. Todos os professores começaram a trabalhar com educação infantil a menos de três anos, antes atuavam em ensino fundamental e EJA.

A formação foi feita através de palestras e debate a cerca da Educação do Campo, para que os participantes pudessem entender melhor como se dá esse processo, uma vez que alguns dos educadores do município de São João do Araguaia estão envolvidos nesse debate educandos/educadores do campo. Posteriormente leitura e discussão de textos de Rubens Alves e Emilia Ferreira, ambos os texto foram selecionados no intuito de contribuir com educadores em relação às práticas cotidianas, onde um trás um modelo de escola diferenciada e o outro trás a discussão a cerca de produção de materiais. O segundo momento da formação foi a confecção de materiais didáticos a partir de materiais reaproveitáveis.

Para finalizar, na terceira etapa da pesquisa, passei a observar as práticas em sala de aula, para verificar se a formação contribuiu de alguma forma com esses professores.

Essa terceira etapa foi realizada apenas com 02 (dois) educadores de escolas diferentes, uma do PA ubá e outra da Vila Cajazeiras.

O critério utilizado para a escolha desses professores foi pelo fato de, além de não ter disponibilidade de tempo em acompanhar todos os participantes, escolhi a do PA Ubá – locus da pesquisa. Outro critério foi optar por uma professora que durante o processo de formação, teve maior participação, e procurou se envolver mais nas atividades e discussões (não que as outras não tenham participado), mas essa professora em especial trouxe uma experiência bastante interessante de sua turma, despertando em mim o interesse em conhecer melhor essa turma e os desafios por ela apresentados.

4- PRÁTICA DOCENTE: Uma intervenção possível

Neste tópico procuro fazer uma descrição da ação desenvolvida na pesquisa de campo, fazendo uma análise das observações feitas em sala de aula, relacionando a prática docente com a formação oferecida aos professores, verificando se houve alguma mudança nas práticas destes professores. Farei uma breve reflexão do que foi observado e do que foi proposto para a pesquisa, tendo como referencia as teorias de Borba (2005) e Antunes(2009), destacando elementos que aproximam a prática pedagógica com os princípios de Educação do Campo, as possíveis contradições entre o que a professora realiza em sala de aula e o que ela fala.

A formação foi realizada com a intenção principal de contribuir com os educadores de educação infantil que atuam no campo, no sentido de que pudessem descobrir estratégias de dinamização das aulas, bem como a superação das dificuldades encontradas, tal como a inexistência de materiais didáticos suficientes. Foi intenção ainda a contribuição na formação desse educador, muitas vezes sem conhecimento da realidade do Projeto de Assentamento ou áreas onde se situa a escola.

No inicio da formação acontecia a realização de dinâmica para os participantes, no qual vou citar alguns exemplos, que são: dinâmica: “medo de desafios”⁴, cujo objetivo era mostrar como somos medrosos e inseguros diante de uma situação que possa representar perigo. Devemos aprender que podemos superar todos os desafios que são colocados a nossa frente, por mais que seja desesperador, pois no final pode ser uma feliz noticia. Outro exemplo de dinâmica é: “na agricultura familiar tem...?”⁵ essa possibilitou aos educadores envolvidos conhecer melhor sobre agricultura familiar, compreendendo um pouco mais da realidade dos alunos.

⁴ Encha uma caixa com jornal para que não se perceba o que tem dentro. Coloque no fundo um chocolate e um bilhete: COMA O CHOCOLATE! Pede-se a turma que faça um circulo. O coordenador segura a caixa e explica o seguinte pra turma: - estão vendo esta caixa? Dentro dela existe uma ordem a ser cumprida, vamos brincar de batata quente com ela, e aquele que ficar com a caixa terá que cumprir a tarefa sem reclamar. Independente do que seja (é importante assustar a turma para que eles tenham medo da caixa) começa a brincadeira com a música ligada, devem ir passando a caixa um para o outro. Quando a música for interrompida aquele que ficou com a caixa deve cumprir a tarefa. É importante que o coordenador faça comentário do tipo: você está preparado?Se não tiver coragem... depois de muito suspense finalmente pode abrir a caixa e encontrar a deliciosa surpresa.

⁵ Em circulo os educandos/as deverão dizer o que tem na agricultura familiar. Aquele que demorar responder ou repetir o que já foi dito, deverá sair do circulo. Após a dinâmica pedir aos participantes escreva frases sobre o que foi dito acerca da agricultura familiar.

Registro: momentos das dinâmicas



Foto 04: Dinâmica da boneca
Fonte: Maria da Conceição F. da Silva



Foto 05: Dinâmica na agricultura familiar tem
Fonte: Maria da Conceição F. da Silva



Foto: 06: Dinâmica do urso de pelúcia
Fonte: Maria da Conceição F. da Silva.

A primeira discussão da formação girou em torno da realidade dos alunos, onde foi possível refletir sobre a educação infantil oferecida aos alunos do campo, onde se questionou se essa mesma educação condiz com a realidade local. Os professores (quando questionado sobre as dificuldades em exercer a docência) relataram um pouco da angústia que sentem ao trabalhar com crianças, sem ter material necessário e enfrentando a cobrança dos pais com relação ao aprendizado do aluno. Sobre esse aspecto um educador relata:

A falta de material didático, além disso, a falta de compreensão dos pais em achar que aluno só aprende na escola e culpar o professor por aquilo de errado que o aluno aprende, sendo que certas coisas eles aprendem em casa. (Prof.^a Maria)

A formação iniciou com uma breve apresentação do Projeto que eu iria desenvolver durante uma semana. Apresentei um pouco da história da Pedagogia do Campo e meu processo de formação, a importância de um processo de formação diferenciado, baseado em princípios e teoria da educação do campo. Socializei um pouco da minha aprendizagem, mostrando um pouco do trabalho que a turma de Pedagogia do Campo conseguiu desenvolver no decorrer desses quatro anos de formação. Em seguida foi feita uma dinâmica de apresentação e envolvimento dos participantes, denominada “Dinâmica da Boneca⁶” com objetivo de aproximar mais as pessoas umas das outras, pois pude perceber que havia certo distanciamento entre os docentes da escola, apesar de trabalharem juntos cotidianamente, uma vez que só seria possível desenvolver um bom trabalho se houvesse um espírito de coletividade. O uso de uma dinâmica no início das atividades pode se tornar uma maneira de vencer as resistências corporais e criar um espaço envolvente, onde todos possam se sentir à vontade, aproximando mais um do outro. A experiência coletiva vivenciada durante o curso de Pedagogia do Campo e a experiência no PRONERA EJA⁷, utilizando dinâmicas de relaxamento e de alfabetização cultural nos deram lições significativas nesse sentido.

Em seguida foi passado um questionário impresso para cada professor, onde o que se pretendia era diagnosticar quais os conhecimentos que os professores possuíam sobre a educação infantil. Das questões discutidas, destaquei quatro que considerei importantes para iniciar o debate. A primeira foi saber qual a concepção dos professores sobre educação infantil. A seguir relatos que mostram essa concepção:

⁶ Nessa atividade os participantes teriam que ficar de pé e em círculo passava uma boneca de mão em mão, aquele que ia pegando a boneca dava um beijo nela. No final que todos beijassem a boneca, iriam repetir a atividade, só que nesse momento não usariam mais a boneca, eles agora teriam que beijar as pessoas que estivessem do seu lado.

⁷ Encontros de formação de educadores e educadoras do campo, realizado na FATA entre 2004/2005.

Educação infantil no meu ponto de vista é algo muito sério, pois é o começo de todo um processo que irá transformar a vida do aluno e precisa ser respeitado para que ao fazer este trabalho não prejudique a vida dessa criança que poderá sofrer danos irreparáveis se não for compreendida e assistida sua vida escolar. (Profª Maria)

Educação infantil é o principio para uma vida de conhecimento é o momento em que a criança será incentivada a pensar, a usar seu raciocínio, enfim é um momento de descobertas, e essa educação infantil também pode ser baseada no brincar que é uma parte fundamental da aprendizagem, pois “brincar mantém as crianças física e mentalmente ativas.” (Profª Antonia)

E possível extrair das falas que, as professoras acreditam que a educação infantil é uma fase importante na vida da criança, pois é onde a mesma pode se descobrir enquanto sujeito capaz de explorar seu próprio corpo e o mundo. O primeiro relato cita a compreensão por parte de quem acompanha a criança, como um elemento importante para o desenvolvimento desta, pois se ela não for compreendida, isso implicará em sua vida futura. Enquanto o segundo relato enfatiza o papel da brincadeira no processo educativo, no entanto pude perceber que é uma repetição do discurso institucional, pois as práticas não condizem com as falas. Durante minha observação em sala de aula verifiquei a ausência de brincadeiras nas atividades pedagógicas, percebi que não havia o hábito de brincar com os alunos como se a compreensão fosse contrária: que brincando não aprende. BORBA (2005) refere-se a essa questão da seguinte maneira:

...podemos identificar hoje um discurso generalizado em torno da importância do brincar, presentes não apenas na mídia e na publicidade produzidas para a infância, como também nos programas propostos e práticas educativas institucionais. (BORBA, 2005 p.34)

A autora vem trazendo em seu texto a temática do discurso elaborado, midiático e institucional, bem parecido e externado nas falas aqui relatadas, tanto em relação à compreensão da infância como do uso das brincadeiras em processos educativos que envolvem crianças. Outra questão levantada foi com relação ao objetivo dos professores que trabalham com educação infantil. A esse respeito:

O desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social fazendo com que as crianças estabeleçam e ampliem cada vez mais suas relações sociais e desenvolva uma imagem positiva de si mesma aprendendo a respeitar as diferenças, valorizando suas potencialidades e descobrindo seus limites. (Profª Carla)

A educação infantil tem percorrido uma trajetória de muitas lutas e de árduo trabalho em busca de legitimidade e valorização. O professor junto com os

alunos prepara o ambiente da educação infantil, organiza a partir do que sabe que é bom e importante para o desenvolvimento de todos e incorporando valores culturais das famílias e suas propostas pedagógicas. (Profª Alice)

A partir dessas falas pude perceber que há certa preocupação com o desenvolvimento das crianças, apesar da possibilidade de ser um discurso assimilado e não refletir de fato essa preocupação, observei ainda um distanciamento entre o discurso e o desejo de alcançar o desenvolvimento da criança do campo, pois para que haja um bom desenvolvimento é necessário que se pratique uma educação baseada no contexto dos sujeitos do campo, pois o que ainda se oferece nas escolas dos assentamentos e áreas de agricultura familiar, é o mesmo ensino da cidade.

Quando perguntei sobre as dificuldades encontradas para trabalhar com educação infantil, percebi que dois fatores comuns interferem em todas as escolas que é a questão do espaço físico e a falta de materiais didáticos e isso pode ser evidenciado nas narrativas abaixo:

“As maiores dificuldades é o espaço, que não possibilita um trabalho mais integrado e a falta de material didático que é fundamental na educação infantil.”(Profª Maria)

“A estrutura física da escola e a falta de materiais didáticos voltado para educação infantil.” (Profª Carla).

“Um fator que interfere bastante é as condições precárias das creches e falta de material pedagógico, orientações curriculares e formação de profissionais sobre tudo professores.” (Profª Alice)

As dificuldades mais presentes nas narrativas dos educadores estão ligadas as questões de estrutura física e materiais didáticos, o que não deixa de ser pertinente, uma vez que para se desenvolver um bom trabalho pedagógico é necessário ter condições de infra-estrutura e materiais didático-pedagógicos. Assim, considero que essas questões são relevantes, no entanto, sabemos que existem outras formas de suprir tais necessidades, mas para isso é importante que tenha planejamento e criatividade. Tendo como referencia a realidade do aluno, o educador pode utilizar materiais que estejam dentro do contexto do aluno, e dessa forma a educação, também estará levando em consideração a realidade do educando, onde e como vive. O mais importante é construir um processo educativo com aquilo que esteja ao redor dos educandos, canalizando o

texto e os conhecimentos das diversas áreas a partir da realidade vivenciada (família, produção, relações de trabalho, espaço, natureza, etc.), enfim há uma infinidade de elementos que podem ser trabalhado sem fugir do contexto do aluno.

A escola não dá importância a história de vida do educando, condicionando ele a copiar o que já está escrito, ou seja, não dando oportunidade de criar e recriar, narrar suas vivências. Se o educador for levar em consideração tudo que o aluno sabe (partindo de seu conhecimento) daria para trabalhar o ano inteiro em cima de suas histórias vividas. De certa forma alguns professores destroem tudo que a criança aprendeu em casa, principalmente quando cita que não tem subsídios para desenvolver uma aula.

Outra problemática levantada diz respeito ao uso do livro didático, que de certa forma aliena o aluno, pois os mesmos conteúdos dos livros que são trabalhados nas escolas da cidade são trabalhados nas escolas do campo, sem que se faça nenhuma relação com o contexto que a criança vive, fazendo com que ela tenha uma visão de cidade idealizada e negando sua própria identidade. Um dos relatos coloca bem essa problemática:

O livro didático às vezes atrapalha no aprendizado dos alunos, pois trazem elementos que eles desconhecem, por exemplo, tem animais como a zebra, elefante, camelo, girafa, que eles só vêem mesmo no livro, e frutas como pêra, figo. Aonde um desses meninos conhece figo? Não tem nada a ver com a realidade dessas crianças que moram no interior, que só conhecem o cachorro, o gato, o jumento e frutas como a banana, a melancia, a laranja, sem falar no bendito trava língua que deixa qualquer um doido e os alunos tem que decorar. (Profª Alice)

A narrativa cita de forma explícita a preocupação com relação ao que o livro didático traz enquanto conteúdo, colocando especialmente assuntos de outras realidades distantes, o que pode dificultar o aprendizado, inclusive contrariando a teoria de Paulo Freire, tão reconhecida pelos educadores. Dessa maneira observei uma lacuna no que diz respeito ao conhecimento da realidade dos alunos entre os educadores. Sabemos que muitos professores não moram no local de atuação e ainda, não se adaptam ou resistem a permanência nas áreas do campo e muitas vezes desistem da escola, provocando discontinuidades nos processos educativos. Os que permanecem, acabam estabelecendo uma relação com os alunos apenas de sala de aula, e o pior, desconhecem a realidade dos mesmos, ficando a mercê do livro didático. Ainda para o agravamento dessa

questão, a falta de uma formação continuada com regularidade, apesar das secretarias de educação afirmar que isso faz parte da política de educação do município. Essa situação é resultado da forma como o setor público promove educação no campo, a partir das escolas rurais e currículos pensados pela lógica urbana.

Outro agravante é a histórica negação à educação integral para os sujeitos do campo que “naturalmente” deixa fora dos processos seletivos esses sujeitos, e a forma de seleção de educadores a partir de concursos públicos generalizantes que não estabelecem critérios específicos de seleção para educadores do campo, e aumentam à distorção dessa realidade. Os professores concursados são moradores das cidades ou vilas e não moram nos assentamentos, querem ficar somente nas escolas da beira da estrada, já pensando na volta, caso contrário, logo pedem transferências e em último caso desistem da vaga.

Em relação à organização do espaço escola observei que as paredes estão cheias de desenhos fora do contexto dos alunos, por exemplo: tem um alfabetário com nomes de animais, no qual aparece um animal que a professora disse nunca ter ouvido falar, cujo nome é Narval, ela achou estranho, mas colocou ali por que recebeu da secretaria de educação. Mas será que este contribui com o aprendizado dos alunos? As fotografias abaixo revelam essa realidade.

Registro da sala de aula

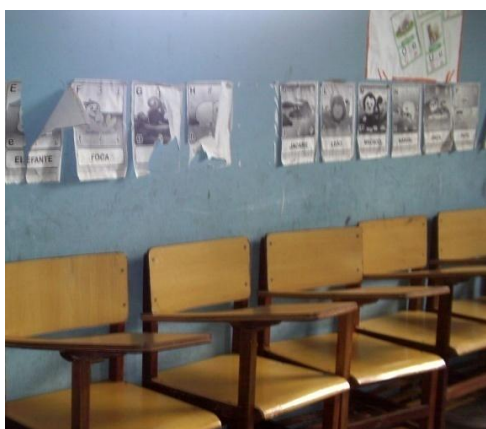


Foto 07: Alfabetário com nomes de animais
Fonte: Maria da Conceição F.da Silva



Foto08: Nomes dos alunos
Fonte: Maria da Conceição F.da Silva

A idéia de embelezar o espaço, cuidar da estética da escola é muito importante, pode atrair os alunos com o colorido e com a presença de figuras que eles gostem. Porém esse embelezamento deve ser conectado com o contexto onde se desenvolve os processos educativos e essencialmente aqueles do contexto dos educandos. Assim falamos de um contexto de campo, de trabalho agrícola de relações culturais diferenciadas, e são esses elementos que devem compor esses espaços, sem negar a exposição de outros.

Depois de diagnosticar quais os conhecimentos que os professores possuíam em com relação à educação infantil, foi realizada uma palestra a cerca da Educação do Campo com a socióloga Ailce Margarida Negreiros Alves, extensionista da EMATER-PARÁ, que vem atuando no campo, junto aos grupos de agricultores e agricultoras contribuindo no debate sobre as questões que envolvem a realidade do campo e na formação de educadores do campo. A palestra abordou aspectos sobre as bases teóricas e princípio da educação do campo. Foi discutido a problemática que envolve a educação rural, entre outros aspectos. Em princípio os professores foram bem receptivos a discussão, e participaram efetivamente reagindo como se concordassem com o teor do debate e de sua importância.

Posteriormente foi feita leitura e discussão de textos. O primeiro texto lido e discutido foi “*Alfabetização de crianças na última década do século: Produções de materiais*” de Emilia Ferreiro (2008), onde e discussão se deu em torno da importância de produzir materiais tanto para alunos quanto para os professores, e da contribuição desses materiais para alfabetização dos alunos.

O segundo texto foi *A escola da Ponte* de Rubens Alves (2001). O autor faz um paralelo entre a escola da ponte e a escola capitalista, no qual na escola capitalista os grandes querem pisar nos pequenos. Um exemplo levantado pelos educadores foi a questão de um professor universitário recém formado querer saber mais do que anos de experiências do professor primário. Na escola da ponte os educadores se ajudam, a criança tem voz ativa, é um espaço partilhado por todos sem separação. Foi feita uma leitura compartilhada, onde cada participante leu um pouco e depois discutia os pontos mais importantes. Esse momento foi provocativo e permitiu aprofundar elementos do

cotidiano da educação dos protagonistas da oficina, traduziu-se em momento de estudo cujo resultado foi o aprofundamento das questões pedagógicas da escola do campo.

No outro momento da formação, foi realizada a confecção de materiais didáticos a partir de materiais reutilizáveis. Foram produzidos materiais didáticos para o ensino da Língua portuguesa como: dado com palavras do dia-a-dia, garrafas das cores, alfabetário com nomes dos alunos; e materiais para o ensino da Matemática como: as formas geométricas feitos com caixas de papelão, dado com números.

A escolha dos materiais foi feita coletivamente e baseada na experiência dos participantes da oficina e pensando nos objetivos a serem atingidos, e principalmente, voltados para os sujeitos do campo, além de pensar nas condições com as quais os educadores se deparam no cotidiano da escola.

É possível que esse exercício tenha provocado mudanças no comportamento com relação à prática pedagógica desses educadores. Sem querer tomar para mim o mérito, mas, acredito que as oficinas, as reflexões, a vivência coletiva durante esse período, as construções coletivas foram provocativas e principalmente promoveram a utilização da capacidade criativa e crítica no trabalho com os sujeitos do campo. Pois a intenção dessa oficina era buscar metodologias que priorizem o fazer camponês para suas aulas e assim possam construir a criticidade dos sujeitos do campo e o desenvolvimento da leitura e escrita baseado no contexto local, levando em conta o saber dos alunos sobre o meio ambiente, a população, produção e outras questões.

É importante que se use materiais reutilizáveis por que podemos usar material de dentro da nossa realidade de baixo custo, é possível também uma intervenção para melhoria do desenvolvimento do professor, resolvendo ao mesmo tempo um problema ambiental crescente, que é a produção excessiva de lixo, e incentivando a criança a proteger o meio ambiente.

Com o intuito de identificar e compreender as mudanças provocadas nas práticas dos professores depois da formação, passei para a observação das práticas em sala de aula, onde durante uma semana acompanhei o trabalho de duas professoras que participaram da formação.

4.1. Acompanhando e observando as práticas em sala de aula

Depois de um período trabalhando com os professores, passei para etapa seguinte da pesquisa que foi observar como está sendo as práticas desses professores em sala de aula a partir da formação.

As atividades que observei inicialmente, antes da formação, eram individualizadas centradas no quadro, giz e caderno. Dos professores que participaram da formação, escolhi apenas duas para fazer esse acompanhamento, uma do PA Ubá e outra da Vila Cajazeiras.

Na primeira semana acompanhei a Prof^a Maria, que atua na Vila Cajazeiras, na Escola Municipal José Martins Ferreira, uma escola pequena, composta por 02 (duas) salas de aulas, 01 (uma) cantina, 01 (uma) secretaria e 01 (um) banheiro para ambos os sexos. Com relação aos profissionais que atuam na escola, atualmente ela conta com 04 (quatro) funcionários, sendo 02 (dois) professores, 01 (uma) servente e 01 (um) vigia, ambos são concursados e moram em uma vila vizinha e os professores são concursados e moram na cidade. Com relação à formação dos profissionais que atuam na escola, a merendeira cursou até o 6º ano, o vigia o 3º ano do ensino fundamental. Nenhum dos servidores citados está cursando qualquer outra formação.

Nesta escola funciona 01 (uma) turma de multiserie, (1ª a 4ª série) que atende um número de quatorze alunos e 01 (uma) turma de educação infantil, que atualmente atende um número de 16 (dezesesseis) alunos, ambos no turno da tarde.

Quando cheguei à sala de aula os alunos ficaram inquietos por ter uma pessoa estranha no meio deles, mas no dia seguinte já não deram muita importância e seguiram a rotina normalmente.

Antes de iniciar meu trabalho de observação, em uma conversa informal, procurei saber como era a rotina em sala de aula antes da professora participar da formação, para que eu pudesse ter uma base no que mudou, então a professora me relatou que:

Olha de segunda a quinta-feira a rotina de sala de aula é praticamente a mesma. Início a aula com desenhos prontos para colorir, quando as crianças terminam, passo o conteúdo do dia, que são tarefas mimeografadas, para as

crianças menores, a tarefa é de cobrir e para os maiores é de copiar as letras embaixo. Em seguida elas vão para o recreio, quando termina o recreio eu passo tarefa no caderno de cada um e deixo brincarem até a hora de irem para casa. Eu me dedico mais aos alunos de 05 anos, pois eles irão para o ensino fundamental no ano que vem, portanto precisam está alfabetizado. Na sexta-feira muda um pouco a rotina, eu passo desenhos para colorir, em seguida leio historias infantis para as crianças até o horário do recreio, logo depois coloco DVD com musicas infantil para as crianças dançarem e brincarem até a hora de ir para casa. (Profª Maria)

Com base nessas informações, passei a observar o que teria mudado. Verifiquei a princípio que a professora teve muita dificuldade de sair do modo “tradicional”, pois já estava acostumada com seu modo de trabalhar em sala de aula, mas aos poucos ela foi mudando o modo de agir, percebeu que poderia usar materiais do seu meio, o qual ela não dava importância. Passou a iniciar as atividades do dia com uma dinâmica de envolvimento e coletividade para as crianças. Dinâmicas que requer do participante parceria e envolvimento, por exemplo, a “Dinâmica da tartaruga” que despertou meu interesse e atenção. Essa dinâmica propunha que os alunos divididos em grupo de cinco, deveriam sentar em cima de um papelão para serem arrastados. Com essa atividade as crianças puderam perceber que só conseguiriam se locomover se todos fossem para a mesma direção e que precisavam contar com a colaboração de todos no grupo para vencer os obstáculos, além disso, promoveu muita diversão, pois as crianças se envolveram com a dinâmica com disposição e alegria.

A professora trabalhou com histórias, mas ao invés dela mesma contar a história como fazia anteriormente, optou por trabalhar com as histórias dos alunos. Assim pedia aos alunos que contassem suas próprias histórias de sua vida, o que faziam o que sonhavam, o que queriam fazer quando crescer e outros, o que motivou os educandos falarem de si mesmos. Nesse momento verifiquei que as crianças se sentiam importantes falando de sua própria vida para os colegas. Essa dinâmica contribui para o desenvolvimento da fala, da perda do medo, da produção do texto do próprio aluno e acima de tudo trabalha a autonomia do aluno, fazendo ele se sentir importante na sala de aula.

Os materiais produzidos na oficina foram úteis para desenvolver as atividades em sala de aula, por exemplo, ela utilizava o jogo de boliche com as vogais, (feito com garrafas pet), onde os alunos jogavam uma bola e a garrafa que eles derrubavam teria que dizer qual letra ele acertou, e assim os alunos aprendiam brincando. Observei que as

crianças se surpreenderam com os novos jogos que surgiu em sala de aula, eles questionavam como aquilo era feito. Nesse aspecto Antunes (2009) relata uma coisa importante:

Não se separa a idéia do brincar da idéia do aprender e, dessa forma, brincando e jogando, a criança constrói conceitos, explora sua criatividade, inventa e reinventa, transformando a realidade de seu entorno, de suas emoções e de seu corpo. (ANTUNES,2009 p.35)

Assim percebi que para a Prof^a Maria, a formação de certa forma contribuiu para sua atuação, motivando-a para o uso das dinâmicas utilizadas na oficina na sua sala de aula. Porém, sabemos que existem muitas barreiras que precisam ser vencidas, pois ela ainda se prende muito na questão de que o aluno só aprende se estiver à tarefa mimeografada diariamente e tarefas no caderno. Para ela não basta só o jogo de boliche com as vogais para que os alunos aprendam o *a e i o u*, eles precisam ver essa letras no caderno.

A segunda a ser observada foi a Prof^a Alice, do Projeto de Assentamento Ubá, na Escola de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho, que tem uma estrutura de pequeno porte, é composto por 02 (duas) salas de aulas, 01 (uma) cantina, 01 (uma) secretaria e 01 (um) banheiro para ambos o sexo. Nela funciona uma 01 (turma) de multiserie, (1^a a 4^a serie) e 01 (uma) turma de educação infantil, que atualmente atende um número de 14 (quatorze) alunos no turno matutino, e apresenta um corpo técnico composto por 01 (uma) professora licenciada em Pedagogia (que atua na multiserie) e 01 (uma) professora de ensino médio magistério (que atua na educação infantil) e 02 (dois) funcionários de apoio. Essas professoras, não recebem nenhuma formação continuada oferecida pela prefeitura local para aperfeiçoar seus conhecimentos.

A princípio os alunos ficaram um pouco tímidos pelo fato de haver uma pessoa estranha na sala, mas a professora conseguiu conduzir o processo normalmente, então, como tinha feito anteriormente com a outra, em uma conversa informal procurei saber como era a rotina em sala de aula antes de ela participar da formação, onde ela descreveu o seguinte:

Todos os dias a gente inicia a aula com músicas, 3 ou 4 depende de como esteja o pique dos meninos, em seguida eu entrego o caderno com as tarefas que eu trago pronta de casa (*cada criança tem dois cadernos, a professora fica com um e o outro ele leva para casa, ela diz que faz isso para adiantar a aula*) enquanto eles estão fazendo aquela tarefa já estou passando outra no outro caderno, quando eles terminam de fazer aquela tarefa que eu passei, eu entrego a outra e quando terminam a segunda tarefa já é hora do recreio. Depois do recreio eu brinco com eles, as vezes passo um filme para eles assistirem, outras vezes ligo o som para eles dançarem ou conto histórias. É assim a semana inteira (Prof^a Alice).

Em uma semana de acompanhamento dessa turma observei que assim como a outra, ela mudou em alguns aspectos, por exemplo: pela manhã ela já iniciava a aula conversando com as crianças, a fim de conhecer melhor a rotina de cada uma delas. Levantava questões a respeito de como foi o dia anterior da criança, o que elas fizeram em suas casas, entre outras. Naquele momento pude perceber o interesse da cada criança em querer contar um pouco de sua rotina, pois naquele momento elas se sentiam importantes, as falas dos alunos evidenciam isso “*eu fui pra roça mais o pai*”, outro dizia: “*eu brinquei de bola mais meu irmão*”, ou “*eu fui na vila comprar coisa mais a mãe*” (falas de alguns alunos da educação infantil), assim passavam horas relatando seu dia a dia.

Em seguida a professora entregou o caderno com tarefa para eles copiarem, e por mais que ela tentasse sair da forma tradicional de ensinar, acabava repetindo o que a escola propunha. Logo após o intervalo a professora utilizava os materiais confeccionados na oficina. Cada dia ela usava um objeto diferente, estes eram usados como suporte para desenvolver atividades que proporcionasse ensinar a criança sem fugir do seu contexto.

A professora utilizou o dado com os nomes dos alunos. Nessa atividade foi explorado a descoberta da leitura, a partir da identificação dos nomes com a seguinte dinâmica: a professora espalhava vários nomes pelo chão e jogava o dado e o lado que ele caía à criança tinha que procurar no meio daqueles nomes o mesmo que estava escrito no dado, então a professora escrevia no quadro e trabalhava aquele nome com os alunos durante horas e horas, em seguida passava para outro aluno, aquele que não pegasse o nome certo pagava uma prenda, tipo imitar um cachorro ou gato etc. Às vezes os alunos ficavam eufóricos, pois todos queriam brincar primeiro e nesse momento eu observei que a professora ficava meio sem jeito para contornar a situação. Eu percebi

que as crianças se envolviam muito nas atividades, mas às vezes a professora ainda se prendia em ensinar mais no caderno ou usando o livro didático.

Achei essa atividade interessante pelo fato de ser algo que requer das crianças atenção e aprende brincando, porém pude observar que o modelo tradicional do ensino é algo que está arraigado na prática da professora, pois mesmo ela tendo a compreensão sobre a importância de trabalhar dentro do contexto da criança, porém, peca pelo fato de querer impor sempre a presença do livro didático.

Sabemos que a criança traz de casa um conhecimento adquirido a partir do meio que vive e a escola precisa saber trabalhar com essa realidade, pois a criança já sabe falar, o que ela vai precisar é que a escola lhe proporcione momentos em que essa fala seja transformada em produção escrita. No momento da pesquisa observei que antes esse fator pouco ou quase nada foi explorado por ambas as professoras. Pois suas atividades estavam centradas numa metodologia onde o aluno tinha apenas que transcrever o que ela colocava no caderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou compreender e intervir no contexto da educação infantil de duas escolas do campo, a fim de contribuir propondo medidas para a melhoria do ensino no e das práticas educativas públicas nos assentamentos de Reforma Agrária a partir da reflexão realizada nas Escolas Chapeuzinho Vermelho e José Martins Ferreira.

Observamos que, a partir dessa intervenção foi possível provocar mudanças no que diz respeito às práticas pedagógicas dos professores em sala de aula. Algumas das propostas de atividades que utilizamos nas oficinas com os educadores foram adotadas em algumas escolas, a exemplo da utilização de materiais do meio, adotar as histórias das crianças como ponto de partida para aula, o que é também um meio de conhecer um pouco da realidade de cada um.

Se nós professores não nos atentarmos ao fato de que precisamos estimular o prazer da criança para ficar em sala de aula, dificilmente elas permanecerão por muito tempo em um ambiente escolar. Sendo a escola uma instituição que deve fazer a ponte entre o conhecimento e o aluno, o professor pode/deve ser o mediador desse conhecimento.

No processo de construção deste trabalho pude fazer algumas reflexões acerca da metodologia utilizada em duas escolas do campo no município de São João do Araguaia, bem como conhecer até que ponto a prática pedagógica dos educadores se aproximam ou não dos princípios da Educação do Campo. Por se tratar de uma pesquisa-ação as reflexões implicam sobre a análise da prática durante a intervenção, a fim de compreendê-las e tentar modificá-las, sem pretensão de ultrapassar um universo mais abrangente. Assim, pude perceber que o que é proposto pela escola enquanto atividade voltada para os educandos, reflete na prática dos professores configurando o que é desenvolvido no cotidiano formativo da escola.

Por mais que a professora tenha tido uma formação educacional “tradicional” constatamos que ela compreende que é importante inserir o contexto dos alunos como parte dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Constatei isso nas conversas que

tive com os diversos professores, além do fato deste assunto ser abordado em quase todas as formações de educadores, apesar de pouco concebido na prática.

Outro ponto observado é, que, embora os professores tentem mudar suas práticas cotidianas, às vezes se prende muito ao livro didático, que por sua vez, caracteriza uma extensão daquilo que está no contexto urbano, por mais que, em alguns momentos em sua prática, ela busca meios para inserir o cotidiano das crianças em suas aulas, combinando com o que está no livro.

Um elemento importante que também foi observado na pesquisa é que a professora se esforça em superar as lacunas de sua formação, tendo em vista que ela busca elementos que possibilitem a melhoria do ensino aprendizagem das crianças, uma vez que essa professora não recebe nenhuma formação por parte da secretaria de educação.

A pesquisa desenvolvida mostrou que no município não existe educação do campo, o que existe nesse sentido se baseia na educação rural, classes multisseriadas, espaços desestruturados, professores sem o perfil adequado, porém sujeitos vitimados pelas condições a que são submetidos como educadores da zona rural. Tudo isso me leva a afirmar que, muito precisa ser feito para que se tenha uma educação de qualidade nas escolas do campo, partindo dos princípios da Educação do Campo. Mas para que isso aconteça é necessário que se tenha uma política pública que pense nos camponeses, no meio em que vivem e nas relações estabelecidas por eles, por que mais que adequar a escola à realidade do campo é preciso construí-la a partir da necessidade do contexto e dos seus sujeitos. Assim é preciso repensar as bases da educação hoje realizada no campo, investir na formação dos educadores, repensar o currículo, enfim, superar a lógica urbanocêntrica que impera nesses ambientes educativos do campo e reestruturar processos educativos que reafirmem a identidade e as culturas dos povos do campo.

Ainda há muito a ser feito para melhorar o ensino nas escolas do campo no município de São João do Araguaia, o que exige compromisso e responsabilidade política para que de fato se atenda com qualidade as necessidades e interesses educativos desses povos. Superar as práticas de uma escola tradicional, ancorada no

tempo que se baseia na repetição e memorização de conteúdos sem significados práticos.

Espero contribuir com essa pequena reflexão para que se acentue o debate sobre as questões aqui colocadas, bem como estabelecer um diálogo aberto com educadores e gestores locais no sentido de melhorar o que está colocado como prática pedagógica voltada para o campo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério <http://www.ecodebate.com.br/2007/08/27/araguaia-tocantins-fragmentos-de-20-anos-de-luta-pela-terra-por-rogerio-almeida/>. Consulta em 10/11/2009

ALVES, Rubens. A Escola da Ponte. Publicado em <http://somaterapia.vila.bol.com.br> em 11/08/2006. Consulta realizada em 03/11/2010.

ANTUNES, Celso **Educação Infantil: prioridade imprescindível** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ARROYO, M.G CALDART,R.S, MOLINA, M.C (organizadores) **Por uma educação no campo** –Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Economia Aplicada**, 2000. [http/ www.sep.org.br/artigo](http://www.sep.org.br/artigo) V congresso 66

BARON, Dan, **Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade**. São Paulo: Alfarrábio 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial curricular nacional para educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2001. 3v.:l.

BORBA, Ângela Meyer. **Brasil. Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

CALDART, Roselir Salette Paulo Conceição Doll, Johannes(orgs) **Como se forma os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA: NEAD. 2006

Diretrizes operacionais para educação básica nas escolas do campo-Resolução CNE/CEB Nº. 1 – de 3 de abril de 2002

FERREIRO, Emilia **Com todas as letras**; tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cotejo de textos Sandra Trabuco Valenzuela – 15.ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia** 1996

IBGE, Censo 2010, pesquisa na internet. Site: WWW.gov.BR

LDB, **Diretrizes e Base da Educação Nacional**, Editora do Brasil, Brasília 1996.

SEVERINO, Antonio Joaquim **Metodologia do Trabalho Científico** 23. ed.rev.e atual.- São Paul: Cortez,2007

SOUZA, Maria Antonia de Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

KRAMER, Sonia. **Brasil. Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

Levantamento feito junto ao professor para conhecer a realidade. (entrevista)

- 1 – Quais as dificuldades encontradas para exercer a docência?

- 2 – Quais as atividades desenvolvidas? Que recursos disponibilizam para realização das atividades?

- 3– Qual a concepção de avaliação para educação infantil?

- 4 – Como é realizada a avaliação da aprendizagem?

- 5 – As atividades desenvolvidas levam em consideração a ludicidade, a socialização, as relações inter pessoais?

Questionário:

1- Qual a sua concepção de Educação Infantil?

2- Quais os objetivos dos professores que trabalham na Educação infantil?

3- Qual a importância do brincar na sua visão para o processo de ensino aprendizagem na educação infantil?

4- Como você trabalha o lúdico na educação infantil?

5- Você acha importante a participação dos pais na escola? Por quê?

6- Quais as dificuldades encontradas para trabalhar educação infantil?

7 – Como são elaboradas as atividades para trabalhar com crianças?

8 – Qual a idade específica para trabalhar com essas crianças?

9- Que métodos você utiliza?

Com relação à oficina:

1- Quais as expectativas para a realização da oficina?

2- O que você gostaria de aprender durante a oficina para ajudar na prática em sala de aula?

3- O que você espera da oficina?

4- Que tipo de reflexos você espera obter com a realização da oficina?
